

JAZZ

6 ABRIL 2016

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Songbird

Luís Figueiredo / João Hasselberg

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Piano Luís Figueiredo Contrabaixo João Hasselberg

Qua 6 de abril
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Simplesmente canções

Ainda que o jazz seja um género eminentemente instrumental, em toda a sua história o formato canção tem-lhe sido determinante e tanto assim que foi buscar temas a Tin Pan Alley, aos musicais da Broadway e aos *hits* editados em disco. Essa particularidade teve menor incidência com o desenvolvimento de estilos como o *bebop*, o *cool*, o *hard bop*, o *third stream*, o *modal* e o *free*, neles imperando o desejo de substituir os *standards* por originais e de utilizar outro tipo de estruturas, algumas delas vindas da música erudita. Mais recentemente, e mesmo em contextos de jazz “intelectualizado” e com pretensões artísticas, esse gosto pelas melodias populares ressurgiu. Raras vezes, porém, tão sistematicamente quanto no caso do projeto Songbird, coprotagonizado pelos portugueses Luís Figueiredo e João Hasselberg. O princípio seguido por ambos, e exposto já no álbum *Songbird Vol. 1*, é tocar canções de terceiros, tirando-lhes as palavras e a voz. A decisão é surpreendente, mas decorre de alguns sinais que os dois músicos já nos vinham dando, Hasselberg com a criação de composições de influência pop ou *folk* e Figueiredo com a introdução na sua escrita de aspetos das chamadas “músicas do mundo”.

A proveniência do repertório Songbird é vasta, indo desde emblemas de cantautores nacionais a *lieder* clássicos, com passagens pelo Brasil e pelo rock. Mas não se trata, e está aí o maior fator de singularidade deste empreendimento, de uma mera conversão desses

materiais ao jazz. Adianta João: «Pode ser que alguns temas aí caiam, mas não é obrigatório. Acho que a ideia inicial foi, só e apenas, tocar canções no formato duo, canções de que gostamos, algumas com improvisação, outras sem. A ideia nunca foi fazer uma coletânea tipo “éxitos de todos os tempos, agora em jazz”. Começámos este projeto porque partilhámos o mesmo amor pela canção, e muitas vezes o mesmo amor pelas mesmas canções. Este não é um duo que faz *covers*, mas um duo que interpreta canções, sejam elas pop, *lieder*, MPB, tradicionais cubanas ou fado. A única coisa que têm em comum é o facto de gostarmos delas. Outra das razões que me levaram a abraçar esta ideia foi o facto de eu ter conhecido muitas das músicas que mais aprecio, não nas versões originais, mas “em segunda mão”. Foram estas que me levaram às originais. Não fosse isso e provavelmente não as teria descoberto, por não frequentar certos nichos musicais.»

É como que um processo a dois tempos. Luís: «Reunimos canções que nos sejam significativas, por algum motivo, e depois filtramo-las com a nossa linguagem musical conjunta.» O curioso é que, além das marcas do jazz, porque para todos os efeitos estamos perante dois músicos de jazz, transparece do disco editado há uns meses apenas uma ambiência camerística, talvez devido à formação clássica de Luís Figueiredo e ao crescente interesse de João Hasselberg, um aluno de Alejandro Erlich-Oliva, pela música erudita. Luís Figueiredo coloca a questão de outro modo: «Surgiu tudo

muito naturalmente. Talvez isso decorra da própria instrumentação, um piano e um contrabaixo.» Afinal, e no entender agora de Hasselberg, o certo é que «o formato canção pode encontrar-se em qualquer parte e é essa abrangência que procuramos ter. Há uns quantos *lieder* de Schubert que adorava tocar. Talvez no Vol. 2 o façamos.»

De certa forma, Songbird resulta da exploração das afinidades encontradas no «terreno musical comum» (Figueiredo) destes dois instrumentistas que também compõem. «É um projeto assente nas nossas partilhas musicais», sustenta o pianista. Uma confluência de gostos traduzida num conceito, sem outra justificação que não a especificamente musical. Luís Figueiredo e João Hasselberg não contemplaram, sequer, a possibilidade de que algo com estas características interesse a um público mais amplo do que o do jazz. «Não foi, de todo, o nosso propósito no início e continua a não ser. Não me preocupa saber se vamos ter maiores audiências ou não pela circunstância de tocarmos Sérgio Godinho, Chico Buarque, Beatles ou Coldplay. Se isso suceder será como um efeito colateral. Bem-vindo, claro, mas não intencionado», explica João. Não houve, igualmente, por parte da dupla qualquer consideração sobre as questões musicológicas levantadas por esta fórmula. «Temos uma abordagem inclusivista da música. Fazemos música com diferentes traços estilísticos e é disso que gostamos», comenta Luís Figueiredo.

João Hasselberg acha mesmo que o jazz não é um idioma que tenha

de ser “preservado” e defendido de contaminações. «O que não falta são discos nos quais a tradição está inscrita. É importante conhecer essa tradição se quisermos tocar jazz. Mas atenção, nem toda a música improvisada é jazz, e acho que essa é uma questão importante que ainda não está completamente esclarecida para o público em geral e também para alguns músicos. Apesar de a nossa aprendizagem ser jazzística e apesar de tocarmos jazz regularmente, não vejo Songbird como um projeto de jazz», afirma. O que não quer dizer que não ouçamos neste duo alguns ecos de outros famosos do jazz que o antecederam. Luís: «Pois. No jazz ou em outro domínio musical, em duo ou com outra configuração, as referências existem e fazem-se sempre sentir. Não há em Songbird grandes referências a discos ou músicos, mas temos, talvez, algumas afinidades com o duo de Charlie Haden e Hank Jones ou com esse outro que Haden teve com Pat Metheny. De resto, Charlie Haden é uma das nossas referências mútuas.» Hasselberg aprecia especialmente a parceria entre Haden e Jones: «Eles só tocaram espirituais e *worksongs*. O que fizeram juntos foi muito bonito.»

Outro traço evidenciado por Songbird é aquilo que o saxofonista Ricardo Toscano designa por «harmonia à portuguesa» e que não tem explicação simples de dar. «Nem de propósito, acabo de defender uma tese de doutoramento na Universidade de Aveiro na qual me alongo um pouco sobre isso. Em última análise, o que penso que existe é um conjunto de

individualidades que podem ou não partilhar alguns traços comuns. Apesar de sermos ambos portugueses, o João e eu fizemos percursos substancialmente distintos e, no entanto, temos importantes complicitades artísticas», argumenta Luís Figueiredo. Hasselberg concorda: «Existe de facto essa “harmonia portuguesa”. A música de Paula Sousa é um grande exemplo disso. Não sei exatamente por que acontece, mas está lá! Songbird não re-harmoniza as músicas nem as rearranja. Apenas as interpreta, mas com esse acréscimo a evidenciar-se.»

No que discordam é na influência que a sua anterior, ou simultânea, atividade com cantoras teve na formulação e na práxis de Songbird. Luís entende que não se faz sentir, «pelo menos diretamente», mas João aceita-a: «Aliás, o projeto começou num *soundcheck* de Luísa Sobral.» Um dos desafios assumidos é, precisamente, o de tocar canções não cantadas. «Tivemos de selecionar temas que pudessem sobreviver à ausência do texto, tanto poética como melodicamente. As canções que selecionámos para o disco (e continuamos a selecionar para os concertos) são composições que sobrevivem bem a essa ausência. Seja porque são muito fortes melódica e harmonicamente, seja porque a letra se “ouve”, mesmo sem lá estar», refere Luís Figueiredo. O contrabaixista vai mais longe na reflexão: «Ainda não percebi se o que faz a pop e a *folk* são as canções ou se o que faz as canções são a pop e a *folk*. Ou seja, não sei qual é resultado de qual. É mais comum que chegue a mais pessoas, e se

torne pop, uma canção cuja estrutura é mais simples, a letra mais direta e a harmonia menos rebuscada. Por outro lado, um maior número de pessoas escreverá uma canção com as mesmas características, mas tornando-a *folk*. O meu objetivo enquanto músico e compositor (se é que me posso considerar compositor) é dar à música uma carga emotiva que seja clara. Tendo isto em conta, o alinhamento que escolhemos não precisa de palavras para manter a sua essência emotiva.»

Preparemo-nos, então, para a melhor das homenagens que canções que todos, ou quase todos, conhecemos poderiam ter, cantadas por dois instrumentos, com jazz algures lá dentro, por efeito de simpatia, e alma portuguesa... Quem já ouviu, rendeu-se.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Depois de concluir o curso de piano do Conservatório de Coimbra, Luís Figueiredo ingressou na Universidade de Aveiro onde estudou com Vitali Dotsenko, Fausto Neves e António Chagas Rosa, entre outros. Completou também a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas, do Hot Clube de Portugal, com Filipe Melo, Bernardo Moreira e Bruno Santos. Mais tarde, foi também aluno de Mário Laginha. Figueiredo atua e compõe com regularidade desde 2004. Colabora em diferentes projetos, entre os quais o seu trio (com que gravou o álbum *Manhã*, lançado pela JACC Records em 2010); o quarteto LADO B (que lançou o disco pela Sintoma Records em 2012); com a cantora Sofia Vitória, num projeto com o qual gravaram o disco *Palavra de Mulher* (lançado em 2012 pela Numérica Multimédia); e também com João Hasselberg, Jorge Moniz, Luísa Sobral, Ana Bacalhau, para nomear alguns. A transversalidade da linguagem musical de Luís Figueiredo tem-lhe valido a participação em projetos não somente musicais, mas também ligados ao teatro e ao cinema, como músico, compositor e *performer*.

Desde 2006, para além de professor de Piano, Jazz Combo e Estudos de Jazz é ainda estudante de Doutoramento em Música Music (Jazz Performance/Etnomusicologia), na Universidade de Aveiro, onde é tutorando de Susana Sardo e Mário Laginha. www.luisfigueiredo.net

João Hasselberg começou por tocar baixo elétrico aos 16 anos de idade e completou a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal. Depois de se ter iniciado no estudo de contrabaixo, aos 20 anos de idade, ingressou no Conservatório de Amesterdão, através do qual se licenciou em 2010 (com 9 valores em 10). Em 2007, Hasselberg alcançou o terceiro lugar na Competição Internacional de Jazz de Bucareste, apresentou-se nas semifinais do concurso Keep an Eye Jazz Award, em 2009, e ocupou o 1.º lugar no Prémio Jovens Músicos 2011 na categoria Jazz Combo. João Hasselberg é atualmente um músico que colabora com diferentes artistas e projetos nacionais e internacionais; é professor de contrabaixo na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal. Em 2013, estreou-se como compositor e líder do seu próprio projeto com o lançamento do disco *Whatever It Is You're Seeking, Won't Come In The Form You're Expecting* (2013), tendo um ano mais tarde lançado o seu segundo disco, com o apoio da Fundação GDA, *Truth Has To Be Given In Riddles* – ambos os discos assinalados entre os melhores de cada ano. Com o seu projeto, Hasselberg tem já atuado em salas de espetáculo e festivais de referência pelo país.

www.joaohasselberg.com

Quinteto Lisboa

Música Sex 8 de abril

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6
Apresentação Quinteto Lisboa



Voz Maria Berasarte **Voz** Paulo de Carvalho
Guitarra clássica José Peixoto **Guitarra acústica** João Gil
Baixo Fernando Júdice

O Quinteto Lisboa é um projeto musical que nasceu da amizade e do trabalho conjunto de muitos anos de dois grandes nomes da música popular portuguesa: João Monge (autor) e João Gil (compositor), ambos fundadores da Ala dos Namorados. A eles, juntaram-se dois dos músicos que fizeram parte dos Madredeus, José Peixoto (guitarrista) e Fernando Júdice (baixista). As vozes são de Maria Berasarte e de Paulo de Carvalho. Segundo os seus criadores, “não é um projeto de fado, mas o Quinteto jamais existiria se não houvesse fado”.

Procuram dar uma alma nova à canção de Portugal, considerada património de todos, levando cantores e intérpretes a encontrar o melhor que ela tem e indo para além dela.

Em 2012 apresentaram-se, em setembro, na Culturgest. Demonstrando como

o objetivo prosseguido foi muito bem alcançado e como a música que fazem é bela.

Maria Berasarte é uma cantora nascida no País Basco e cujo primeiro álbum foi considerado pela crítica portuguesa como o melhor disco de fado gravado por uma voz estrangeira.

Paulo de Carvalho, toda a gente conhece. Pelo menos quem era adulto em 1974. Não é um fadista, embora componha e cante fado. A sua voz tão dotada e a qualidade da sua interpretação integram-se harmoniosamente no projeto. Do conjunto das contribuições de músicos cheios de talento resulta o som singular da banda.

É motivo de satisfação para a Culturgest que o Quinteto queira iniciar aqui o lançamento do seu primeiro álbum, editado no final de março deste ano. Concerto e disco merecem ser ouvidos. É muito boa música e o fado está lá. Ao vivo é diferente da gravação. São duas coisas, uma não é a outra. Ambas são boas.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Nádia Gomes

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Estagiária:

Carlota Carmo

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 5155 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt